

RECANTO

DOS INVASORES

Rovênia Amorim
Da equipe do Correio

Começa mais um dia na invasão. Um dia tranquilo. No começo do ano, não era assim. Um enxame de gente desesperada carregava madeirite pelas ruas esburacadas. Em todo canto, ouvia-se barulho de martelo e serrote. A invasão crescia e a luta para garantir um lote no meio da área verde era desonesta. De noite, roubava-se madeirite e telhas dos barracos vazios em construção.

Hoje, não há mais isso. A invasão acomodou-se. Quase ninguém mais chega. Os roubos pararam. Os fiscais da Administração Regional não aparecem. Não seouve mais o repetitivo aviso de que todos terão de sair. Parece que os invasores foram esquecidos.

Já se vão cinco meses desde que a invasão no Recanto das Emas assustava o governo. Para conter a migração, funcionários do Instituto de Desenvolvimento Habitacional (Idhab) numeraram barracos. O governador foi até lá e apelou para que os invasores não deixassem outros chegarem. Não deu certo. E a promessa de atender a todos que se enquadrasssem nos critérios da política habitacional só fez a migração aumentar.



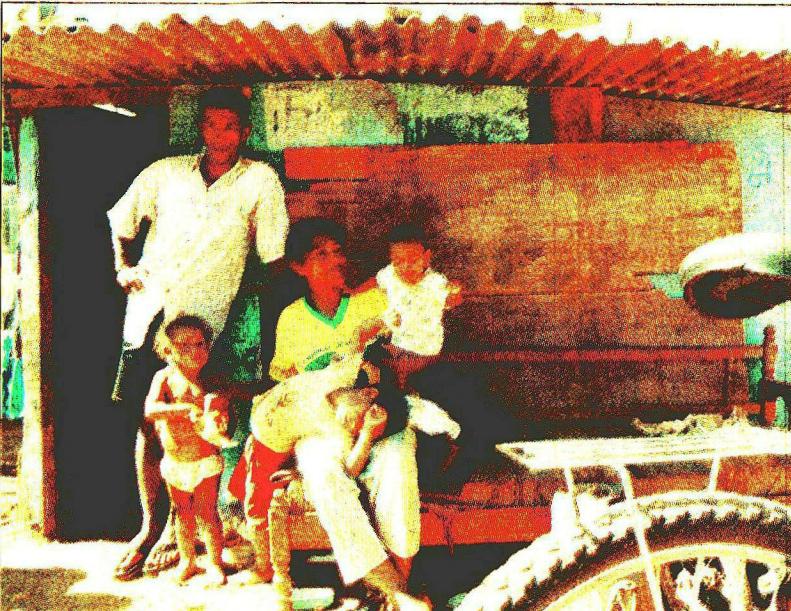
O resultado não poderia ser pior. O Recanto das Emas tem hoje a maior invasão do Distrito Federal. O labirinto de 3 mil barracos de madeirite, que se espalham pelas quadras 601, 605 e 405, ganha até da Estrutural, em Taguatinga. A remoção será trabalhosa, na avaliação do Sistema de Vigilância Integrada do Solo (SivSolo). O governo não sabe onde alojar tanta gente e, por causa disso, a invasão será a última a ser erradicada. Não há nem data prevista para a derrubada.

E enquanto o tempo passa, a invasão ganha força. Vai virando uma micidade. Há mercado, açougue e bar com nome da moda. E os vizinhos fizeram amizades. Transformaram o local. Criaram redes de gambiarras e de ligações clandestinas de água potável. As mangueiras pretas que chegam até os barracos nem enterradas foram. Estão por toda parte, sobre as ruas esburacadas, por onde escorre a água suja.

Até uma nova associação de invasores surgiu. Já é a terceira no lugar. A mais recente, a Associação dos Moradores da Invasão da Área Verde (Asmiv), foi criada depois da passagem dos funcionários do Idhab, que marcaram os barracos com tinta e preencheram um cadastro socioeconômico das famílias. São 180 barracos novos, sobre a tutela da Asmiv, na quadra 601.

Como o governo não dá a resposta sobre o futuro da invasão, de 15 em 15 dias, as associações reúnem os moradores dos barracos para adiantar as novidades. E as informações são desencontradas. "Disseram que, até novembro, todo mundo sai daqui. Nem quero pensar nisso", diz Aparecida Rodrigues da Silva, 23 anos. O presidente da Asmiv, Josias

A MAIOR INVASÃO DO DISTRITO FEDERAL JÁ TEM TRÊS MIL BARRACOS E É MAIOR QUE DA ESTRUTURAL



Wellington, Auxiliadora e filhos: "Está mais fácil o governo não nos dar nada"

Ferreira dos Santos, 31 anos, é mais pessimista. "A partir de julho já vão começar a mexer".

ESQUECIDOS

Julho ou novembro, não interessa. Dona Raimunda senta no banquinho de madeira, à porta do barraco, para pentear os cabelos maltratados, que vão esbranquiçando. Ela quer que o dia da derrubada não chegue nunca. A demora para a remoção só lhe deu felicidade. Foi tempo para as plantas da horta crescerem. Já dá para colher tomate, hortelã e chuchu. "Peço a Deus que me ajude a ficar aqui", confessa a nordestina de 49 anos.

Há três anos, Raimunda Alves Ferreira trancou o barraco de barro em Itapecuru-Mirim, no Maranhão, e veio com a família para Brasília. Foi parar na invasão do Recanto das Emas em setembro do ano passado. "Não tinha nenhum desses barracos novos. Fui a primeira a chegar aqui", conta ela.

Pelo tempo que está no Distrito Federal, dona Raimunda está automaticamente fora da política habi-

tacional. Só tem chance de ganhar lote, quem morar há, pelo menos, cinco anos em uma das cidades do DF. Ela sabe disso e entristece-se toda vez que alguém lembra. "Sou feliz aqui. Tenho mais conforto que em Itapecuru-Mirim. Lá, passava fome demais."

Mas em busca do lote, ninguém desiste. Os invasores querem saber o que vai ser feito deles. A evangélica Maria José Araújo da Silva, de 31 anos, está na invasão há seis meses. Ficou sabendo da invasão pela televisão, quando morava num barraco emprestado pela sua igreja, Cristo é a Rocha, em Santo Antônio do Descoberto — cidade goiana a 44 quilômetros de Brasília.

Mãe solteira e desempregada, não pensou duas vezes. Pegou os filhos Igor, de três anos, e Jonas, de cinco, e mudou-se para a invasão. "Estou esperando no Senhor. Tomei a frente e localizei o que é meu", acredita a evangélica, que não está inscrita na lista do Idhab.

Outra invasão que vai ficando está em Samambaia. Cerca de 600

barracos espalhados pelas quadras 519, 509, 601 e 602 também estão previstas para as últimas derrubadas. Mas nem o administrador regional sabe quando será a operação de retirada. "O calendário quem faz é o SivSolo e a Sucar (Subsecretaria de Coordenação das Administrações Regionais)", afirma o administrador José Adenauer.

SEM LUGAR

O gerente do Sistema de Vigilância Integrada do Solo (SivSolo), coronel Jair Tedeschi, explica que não há lugar para alojar os invasores das duas cidades. "Estamos estudando para onde levá-los. Se para um lugar provisório ou definitivo", explica. Tedeschi só não sabe dizer como será feita a seleção dos invasores — daqueles que têm chances de ganhar lote e dos que estão fora dos critérios da política habitacional.

Mas há outro motivo. Em Samambaia, os invasores oferecem resistência. Não querem sair das invasões sem ganhar um lote. E inspiram-se na invasão da Estrutural. "Se for preciso brigar igual eles fizeram, vamos brigar. Com pneu queimado e faca", avisa Joaquim Soares dos Santos, 28 anos, que mora com os quatro filhos e uma irmã na invasão da QR 519. "Roriz chorou na campanha e prometeu a lua, as estrelas, o céu e a terra. Só que nós não queremos tudo isso. Só o teto para nossos filhos", diz o desempregado, que morava antes na invasão do Ceub, na Asa Norte.

"A gente veio pra cá, achando que o nosso lote ia sair logo. Mas com essa demora, está mais fácil o governo arrancar o nosso barraco e não nos dar nada", lamenta Wellington Ferreira Barros, 27 anos, que faz bicos de jardineiro para sustentar a mulher, Maria Auxiliadora, de 26, e os cinco filhos. Há cinco meses, ele vive na invasão da 519. "Não tenho mais nenhuma esperança no Roriz. Já fiquei esmorecido."